



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12409 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVI Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd Nordeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT16 - Educação e Comunicação

CARTOGRAFIA COMO DESAFIO METODOLÓGICO: DESVELANDO OS PROCESSOS COMUNICACIONAIS EM GRUPOS DE PESQUISA NA UNIVERSIDADE

Cláudia Regina Dantas Aragão - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

A CARTOGRAFIA COMO DESAFIO METODOLÓGICO: desvelando os processos comunicacionais em grupos de pesquisa na universidade.

1 INTRODUÇÃO

A proposta deste texto é refletir sobre a cartografia como um desafio metodológico de uma pesquisa em andamento. Compreendendo que são múltiplos os caminhos para se produzir conhecimentos, busca-se através da cartografia como método, encontrar pistas sobre a questão central desta pesquisa que se centra nos processos comunicacionais, tecnologias e difusão do conhecimento, com o seguinte problema: Que redes são estabelecidas nos grupos de pesquisa, a partir dos seus processos comunicacionais, tendo em vista a difusão do conhecimento na universidade? A pesquisa tem como um dos objetivos construir uma cartografia dos processos comunicacionais dos grupos de pesquisa da universidade na perspectiva de identificar pontos de conexão e possibilidades para potencialização de difusão de conhecimento e constituição de redes.

Abordaremos questões relativas à cartografia como método em educação, perspectivas epistêmicas que permitem chegar à cartografia e delineamento dos desafios metodológicos que ela encarna. Apresentaremos aqui as primeiras percepções e achados desta caminhada e do exercício do próprio método que vai sendo construído no percurso, visto que a cartografia possibilita construções parciais que são estabelecidas no processo teórico-empírico da investigação.

2 A CARTOGRAFIA COMO DESAFIO METODOLÓGICO

A metodologia é fundamental para efetivação da pesquisa, mas não deve engessá-la, pois o olhar do pesquisador deve estar atento às nuances que o objeto de pesquisa apresenta como fenômeno em ação. Entendemos que a prática científica, caso esteja comprometida com o seu potencial, amplia nossos olhares e perspectivas acerca do campo e, pode nos possibilitar a desconstrução de lógicas de opressão, engessamentos teóricos, preconceitos e estereótipos. Nessa direção, percebemos a relação entre sujeito e objeto como sendo complexa, não como sinônimo de uma relação complicada, difícil, mas apreendida como algo que não se reduz a unidades simplistas de explicação. Morin (2015), nos auxilia ao afirmar que o complexo também requer olhares plurais em uma ação que não comporta mais a fragilidade da dicotomia que separa sujeito e objeto, pensamento e ação, teoria e prática. Por isso, fazer pesquisa, principalmente em educação, no contexto da sociedade da informação, implica um contínuo processo de construção e desconstrução de caminhos, trilhas, procedimentos e métodos, além de pensar criticamente sobre a práxis científica.

A inspiração que buscamos na cartografia está voltada para os campos das ciências sociais e humanas e, mais que o mapeamento do território, no seu sentido físico, pretendemos acompanhar processos comunicacionais, conexões que não se referem a método como proposição de regras e procedimentos, mas como estratégia de análise para perceber relações comunicacionais que se estabelecem e tensionam o papel das tecnologias nesse território. Constitui-se em movimentos, relações, enfrentamentos entre forças, enunciações e, é importante frisar que existem tantas cartografias possíveis quanto campos a serem cartografados.

De acordo com Passos e Barros (2009), a cartografia propõe uma reversão do sentido tradicional do método (metá-hódos), definido como caminho predeterminado pelas metas, como um desafio aos estudos de cunho qualitativo, sem abrir mão da orientação e de referências no percurso da investigação, a cartografia propõe “transformar o metá-hódos em hódos metá. Essa reversão consiste numa aposta na experimentação do pensamento – um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude”(PASSOS; BARROS, 2009, p. 10-11). Dessa maneira, a cartografia defende a manutenção de um posicionamento mais flexível em relação aos objetivos e metas da pesquisa, sem comprometer o rigor metodológico.

No exercício de construção dessa cartografia levamos em conta o pensamento de Deleuze e Guattari, a partir da perspectiva rizomática (2011) e alguns trabalhos já produzidos no Brasil como os de Rolnik (1986, 1989); Fonseca e Kirst (2003); Passos, Kastrup e Escóssia (2009, 2016).

A cartografia é buscada como uma possibilidade de aproximação abrangente dos fluxos, linhas e forças que compõem o mapa de determinado território. Por território,

compreende-se, aqui, a partir de Deleuze (2011) as paisagens psicossociais nas quais o pesquisador está interessado e que podem ser percorridas através de múltiplas entradas, marcando caminhos e movimentos, constituindo-se de modo rizomático.

O rizoma caracteriza-se pela capacidade de gerar novos ramos, de se espalhar em múltiplas conexões sem centro, sem hierarquia. Essa ideia, tomada por Deleuze e Guattari (2011), é apresentada como um olhar estratégico, que opera a partir de diferentes princípios daquele unitário, estrutural e disciplinar característicos da árvore-raiz. A noção de rizoma, para além de um conceito, é uma forma de pensamento, a forma como nos deslocamos diante de realidades plurais. O rizoma constitui-se como um sistema acentrado e não hierárquico, pois cria fluxos transgressores que não respeitam a ordem e a fixidez de caminhos previamente determinados. Esse pensamento nos apresenta outras possibilidades metodológicas, nos remetendo assim, ao princípio da cartografia como perspectiva processual de investigação.

O desafio metodológico aqui consiste em perceber a cartografia como um trilhar metodológico que visa a construir um mapa do objeto de estudo, que vai se construindo e reconstruindo a partir de um olhar atento do pesquisador, das observações e percepções que são únicas em cada pesquisa. "Cartografar é seguir o movimento e a processualidade da própria vida, que produz desvios ao invés de regras, gerando, a partir daí, novos movimentos" (KIRST et al p. 100, 2003). A cartografia prima pela processualidade, e assim vamos buscando e apontando pistas para trilhar o território.

2.1 A experiência cartográfica

A perspectiva cartográfica precisa ser pensada e abordada em relação a um território (geográfico, social, cultural, político, comunicacional etc. A noção de território, que é de interesse para esta pesquisa se caracteriza pelas dinâmicas sociais que lhe dão significado a partir de relações complexas, que projetam tanto as tensões articulações dos grupos de pesquisa, mostrando que ele não é estático e que está imerso em relações de poder, tanto no seu interior quanto no seu exterior, embora seja no movimento onde radica o potencial de mudança, desterritorialização em Deleuze e Guattari (2011).

Então, quais seriam os procedimentos necessários para realizar uma pesquisa cartográfica? Os procedimentos precisam ser criados em função daquilo que o contexto analisado exige, ou seja, não há nenhum protocolo normalizado para um estudo cartográfico.

Cada pesquisador vai criando, adaptando procedimentos próprios para analisar o território. Assim, para nos aproximarmos inicialmente do nosso território de pesquisa utilizando a cartografia, adaptamos algumas pistas desenvolvidas por Eduardo Passos, Virgínia Kastrup, Liliana Escóssia e Sílvia Tedesco (2009, 20016) em colaboração com

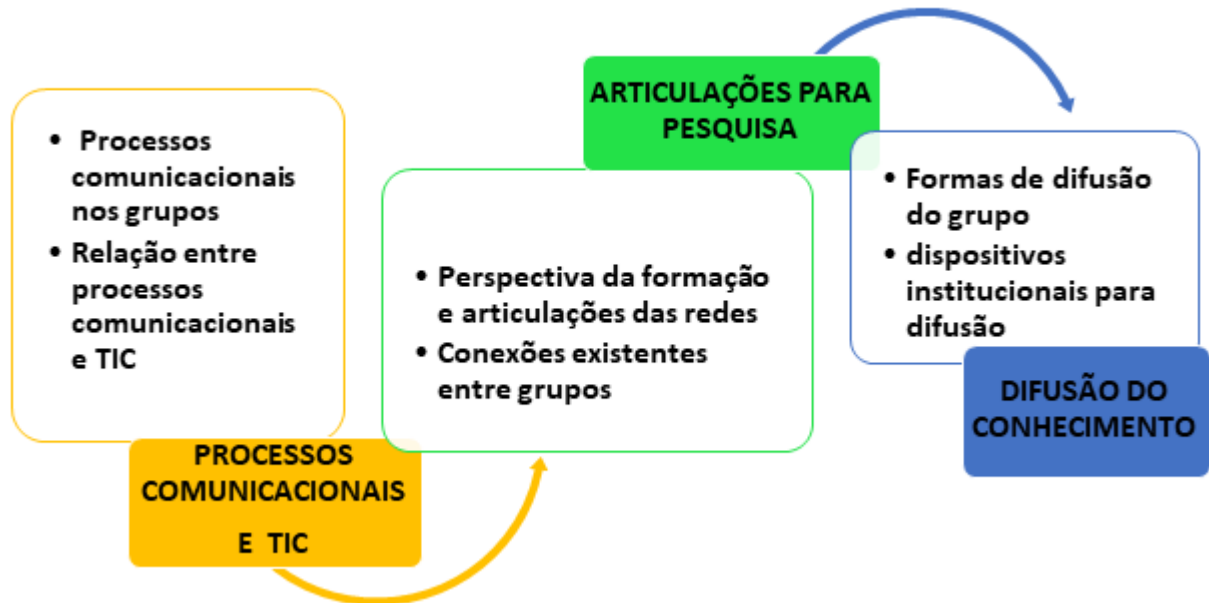
outros pesquisadores e professores, esses estudos sinalizam pistas do método cartográfico. Vamos utilizar algumas dessas pistas como dispositivos e exercício para essa pesquisa.

O que faz um pesquisador-cartógrafo quanto ao seu “território” de pesquisa? A resposta está na forma como observa, como concentra sua atenção. Um caminho indicado por Kastrup está na adoção da ‘atenção à espreita’ – flutuante, concentrada e aberta – que utiliza todos os sentidos” (2009, p. 48). Desse modo, a autora nos oferece quatro gestos da atenção cartográfica: o rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento. O rastreio diz respeito à “varredura do campo”, para localizar pistas; o toque diz respeito a algo que acontece e exige atenção; o pouso acontece quando a atenção realiza uma parada e o campo se fecha numa espécie de zoom, formando um novo território, reconfigurando o campo de observação e, por fim, o reconhecimento atento que, acionado pelo pouso, instiga a questão “o que está acontecendo? Em seguida, retoma-se a circularidade presente nos modos de atenção.

Como dispositivos para esse mapeamento, fizemos um primeiro “rastreio”, uma “varredura inicial” no campo desta pesquisa, através de pesquisa documental, nos documentos e portal da universidade, de listas e relatórios da Pró-Reitoria de Pesquisa e Ensino de Pós-Graduação (PPG) sobre a pesquisa na universidade e obtivemos informações sobre um total de 621 grupos de pesquisa cadastrados na plataforma do Diretório de Grupos de pesquisa no Brasil (DGP) do CNPq. Nessa lista constavam grupos em preenchimento, grupos aguardando certificação, grupos excluídos e grupos certificados. A outra pista da atenção, “o toque” sinalizou que não teríamos acesso a grupos excluídos, e os em preenchimento ou aguardando certificação ainda não teriam um movimento para delinear o nosso mapa. Fizemos então um “pouso”, numa espécie de zoom, para fechamento do nosso olhar apenas nos grupos certificados e, então obtivemos um total de 267 grupos.

A partir da informação da existência de 267 grupos certificados, fizemos uma nova busca do DGP, “um reconhecimento atento”, percebendo que alguns ainda estavam em preenchimento, outros apesar de certificados, não estavam atualizados e outros que constavam na lista não foram localizados no DGP, impossibilitando acesso ao endereço eletrônico ou telefone. Confirmou-se então, 180 grupos certificados e com atualizações no ano de 2020. Assim, nossa amostra foi 180 grupos certificados, atualizados em 2020. Partimos então para a produção dessas informações a partir de um questionário online misto com coordenadores dos grupos de pesquisa certificados da universidade. As questões foram agrupadas a partir de categorias teórico-metodológicas que permeiam a pesquisa e estão dispostas em seções temáticas para melhor organização, porém, as questões e as seções se relacionam como exposto na figura abaixo:

Figura 1 – Categorias temáticas do questionário



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Da amostra inicial, 180 questionários aplicados, tivemos um retorno de 59 questionários. Para as primeiras análises criamos uma forma própria de leitura, sistematização e produção dos dados como exposto nas etapas a seguir: A cartografia inicial implicou em diagnosticar os grupos de pesquisa da universidade, buscar movimentos, articulações, cooperações produzidas a partir de seus processos comunicacionais tendo em vista a difusão do conhecimento na universidade.

2.2. Algumas percepções iniciais

O processo de reflexão foi ativado com o rastreio inicial no mapeamento do campo de pesquisa para identificar os grupos de pesquisa certificados da universidade e proceder recortes para pesquisa. Enquanto cartografia, foi necessário acompanhar o processo e manter a atenção constante.

Usando novamente a pista da “atenção” de Kastrup (2009) e fazendo um sobrevoo inicial nos 59 grupos colaboradores, percebeu-se que um maior número de grupos se encontra na área de ciências humanas, isso se justifica pela concentração de cursos de graduação e pós-graduação da universidade ser nas áreas de humanas e ciências sociais aplicadas. Assim, também, os grupos de pesquisa têm maior concentração nessas áreas. Uma das seções do questionário refere-se aos Processos comunicacionais e TIC, abordando temáticas disparadoras como: utilização dos dispositivos de comunicação, relação direta da colaboração e de articulação entre os grupos, dentre outras. De forma geral, a comunicação nos grupos acontece de maneira informal e espontânea, utilizando vários dispositivos como: WhatsApp e

Telegram, e-mail; dispositivos para reuniões virtuais (meet e Teams).

Quando questionados sobre a colaboração, somente um grupo respondeu não haver colaboração entre os membros, e outro apesar de afirmar que há colaboração não respondeu como a mesma acontece. Percebemos que os grupos trabalham colaborativamente, embora tenham percepções diferentes sobre colaboração, como podemos constatar em algumas falas dos grupos:

Colaboração - **Cada um fica responsável por atividades de pesquisa** bibliográfica que serão usadas em produção de resumos ou artigos (GPCB29).

A colaboração entre os membros do grupo ocorre através da construção das atividades metodológicas das pesquisas **incentivando a pesquisa colaborativa entre os membros e desta forma construindo os princípios que norteiam o grupo** (GPCH 7).

Colaboramos **desenvolvendo propostas em conjunto, pensando em novas parcerias e projetos conjuntos**, e fomentar a integração de nossos discentes/pesquisadores com discentes/pesquisadores de outros contextos e instituições, inclusive fora do Brasil. (GPLL23).

Mesmo cientes de que alguns grupos compreendem a colaboração de forma reduzida, explicitando como sendo, apenas divisão de tarefas, troca de informação, torna-se importante salientar que a colaboração é fundamental para a consolidação dos processos comunicacionais entre os sujeitos nas ações coletivas. Isso contribui para a articulação dos membros dos grupos, troca de conhecimentos e formação de redes

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cartografia nos remete a vários desafios metodológicos, um deles é a reflexão sobre o fazer pesquisa. Ela rompe com a lógica cartesiano-positivista e reaproxima o pesquisador do seu objeto, sem a pretensa neutralidade. Ao contrário, assume a necessária implicação e a inevitável intervenção. A cartografia não pressupõe o cumprimento de etapas subsequentes, como desenvolver primeiro a coleta de dados para depois analisá-los e em seguida realizar a escrita. Na cartografia, entrar, habitar e conhecer o território, bem como analisar, sentir e relatar se desenvolvem concomitantemente.

A pesquisa cartográfica apresentada está em andamento, portanto não foram apresentados resultados conclusivos. A partir do que foi inicialmente cartografado, fomos estabelecendo relações e buscando pistas dos processos comunicacionais nos grupos de pesquisa.

Contudo, o mais importante para as considerações desse texto, é trazer os desafios metodológicos que a cartografia nos apresenta, buscando novas perspectivas, aceitando caminhos diferentes, traçando percursos alternativos.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. São Paulo: Ed.34,

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015.

FONSECA, T. M. G. ; KIRST, P.G. **Cartografia e devires: a construção do presente**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

GUATTARI, F. ;ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986.

KIRST, P.G et al. Conhecimento e cartografia: tempestade de possíveis. In: FONSECA, T. M. G. ; KIRST, P.G. **Cartografia e devires: a construção do presente**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum**. Porto Alegre: 2016. (v. 2).

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.